

# Lições da pandemia para o mercado de trabalho

Nelson Marconi

Coordenador executivo do Fórum de Economia da FGV e professor da FGV EAESP

O mercado de trabalho, como esperado, foi muito impactado pela pandemia. As condições preexistentes amplificaram os efeitos conjunturais e contribuíram para acelerar a deterioração do cenário. O número de ocupados diminuiu de 94,5 para 86,2 milhões entre o último trimestre de 2019 e 2020, e os trabalhadores menos qualificados parecem ter sido atingidos mais fortemente pela pandemia. Uma análise mais detalhada nos permite identificar como a composição ocupacional do mercado de trabalho contribuiu nesse processo e sugerir diretrizes para mudar esse quadro no futuro.

O leitor pode me questionar, por que analisar a composição ocupacional ajudará? Porque as ocupações são remuneradas de forma distinta e seu exercício requer habilidades distintas (constituindo, assim, o que chamamos na teoria econômica de estrutura salarial). E a composição setorial da produção, por que deve ser também considerada? Porque os diversos setores ofertam ocupações com características distintas, em função da especificidade de suas atividades, e consequentemente demandam pessoas com habilidades distintas, o que influenciará a diferenciação salarial entre os diversos conjuntos de trabalhadores nesta economia.



Setores com maior conteúdo tecnológico ou mais sofisticados, digamos assim, irão ofertar ocupações que demandam trabalhadores mais capacitados e estão associadas a melhores remunerações, seja porque o trabalho das pessoas com tais características agrega mais valor à produção, ou devido à necessidade de garantir a atratividade das vagas para os melhores candidatos (e sua posterior permanência), ou ainda porque a oferta de pessoas mais qualificadas é reduzida. Assim, avaliar a composição setorial da produção, juntamente com a composição das ocupações no mercado de trabalho, nos auxilia muito a entender o cenário do mercado de trabalho de modo estrutural, e os motivos pelos quais a pandemia afetou mais intensamente alguns grupos de trabalhadores.

É possível realizar essa análise por meio da manipulação dos microdados da Pnad Contínua do IBGE, que possibilita identificar a combinação entre ocupações e os setores produtivos. Há uma extensa relação de setores e ocupações na classificação da Pnad Contínua, mas vamos adotar os 11 grupamentos ocupacionais e 12 grupamentos de setores que a pesquisa define, que geram 132 combinações possíveis entre as atividades que a pessoa ocupada desempenha

e o setor em que as realiza. Escolhi as 15 combinações entre ocupação e setor que apresentam maior participação na força de trabalho, representando aproximadamente 60% do total de ocupados.

Utilizei os seguintes indicadores na análise: participação percentual no total de ocupações, rendimento médio relativo (rendimento médio efetivo da

ocupação/setor dividido pelo rendimento médio efetivo geral, incluindo todos os trabalhos da pessoa, a fim de considerar as demais atividades que ela, talvez, tenha sido compelida a realizar para complementar sua renda durante a pandemia), média semanal de horas trabalhadas e escolaridade média (em anos de estudo).<sup>1</sup> Estão incluídos na tabela 1 os dados refe-

rentes ao quarto trimestre de 2019 e, posteriormente, na tabela 2, as variações entre tal período e o quarto trimestre de 2020, a fim de mensurar os impactos da pandemia ao longo do ano passado.

A primeira informação que salta aos olhos é a predominância, neste grupo que compõe 60% dos ocupados no país, de ocupações/setores que

Tabela 1 Nível de ocupação, remuneração, horas trabalhadas e escolaridade para as 15 principais combinações entre ocupação e setores de atividades no Brasil antes da pandemia (no 4º trimestre de 2019)

	Ocupação/setor	Participação (%) na ocupação	Rendimento médio relativo (média geral = 100)	Horas trabalhadas, média semanal	Escolaridade média (em anos de estudo)
1	Trabalhadores de serviços, vendedores do comércio e mercados, no comércio e reparo de veículos	10,4	73,6	40,0	11,0
2	Profissionais de ciências e intelectuais, em educação, saúde humana e serviços sociais	6,0	199,5	34,3	15,6
3	Trabalhadores qualificados da agropecuária	5,5	60,5	38,2	6,6
4	Ocupações elementares, em serviços domésticos	5,1	38,2	30,2	7,8
5	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da indústria	4,7	68,5	36,9	9,9
6	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção	4,6	65,7	37,8	8,2
7	Trabalhadores de serviços, vendedores do comércio e mercados, em alojamento e alimentação	3,8	56,3	40,4	9,6
8	Operadores de instalações e máquinas e montadores em transportes, armazenagem e correio	3,4	89,5	43,3	10,1
9	Trabalhadores de serviços, vendedores do comércio e mercados, em outros serviços	2,9	58,5	34,5	11,1
10	Operadores de instalações e máquinas e montadores na indústria	2,7	72,3	39,5	9,9
11	Profissionais das ciências e intelectuais, em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	2,6	245,7	38,6	15,6
12	Ocupações elementares da agropecuária	2,5	32,1	32,4	6,1
13	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios, no comércio e reparo de veículos	2,4	72,7	42,4	9,6
14	Trabalhadores de apoio administrativo, em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	2,2	79,8	37,3	13,3
15	Ocupações elementares, no comércio e reparo de veículos	2,2	47,7	39,2	9,4
	Total ou média geral	60,8	100,0	38,0	10,9

Fontes: Pnad Contínua, com cálculos do autor.

praticam remunerações médias inferiores à média nacional. Entre as 15 combinações selecionadas, somente duas pagam remunerações acima da média, demonstrando que a pandemia atingiu fortemente grupos que já recebiam rendimentos reduzidos. Como a média geral de rendimento de todos os ocupados (R\$ 2.416 no 4º trimestre de 2019) estava bem acima da mediana (R\$ 1.500 no mesmo período, sendo essa característica observada também no 4º trimestre de 2020), reforça-se o já conhecido argumento sobre a elevada concentração dos rendimentos no país, mesmo considerando apenas as rendas oriundas do trabalho. Logo, a prévia concentração da renda agudizou os efeitos da pandemia no país. A segunda informação proeminente refere-se aos grupos que aumentaram sua participação no total de ocupações, que pode ser observada na tabela 2. Os maiores incrementos

Tabela 2 **Variações no nível de ocupação, remuneração, horas trabalhadas e escolaridade para as 15 principais combinações entre ocupação e setores de atividades no Brasil, entre o 4º trimestre de 2019 e o 4º trimestre de 2020**

		Participação (%) na ocupação (mudança em pontos percentuais)	Rendimento médio relativo, variação absoluta no índice	Horas trabalhadas, média semanal - variação absoluta	Escolaridade média (em anos de estudo) - variação absoluta
1	Trabalhadores de serviços, vendedores do comércio e mercados, no comércio e reparo de veículos	-0,48	-4,2	-0,5	0,1
2	Profissionais das ciências e intelectuais, em educação, saúde humana e serviços sociais	1,09	-7,2	-0,5	0,1
3	Trabalhadores qualificados da agropecuária	1,00	-1,5	0,6	0,3
4	Ocupações elementares, em serviços domésticos	-0,74	-3,1	-2,3	0,2
5	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da indústria	0,16	-3,1	-0,4	0,4
6	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção	-0,29	-3,3	-0,5	0,3
7	Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio e mercados, em alojamento e alimentação	-0,77	7,0	-2,9	0,1
8	Operadores de instalações e máquinas e montadores em transportes, armazenagem e correio	0,08	-13,0	-1,2	0,2
9	Trabalhadores de serviços, vendedores do comércio e mercados, em outros serviços	-0,36	-6,1	-2,1	0,1
10	Operadores de instalações e máquinas e montadores na indústria	-0,25	3,1	0,8	0,2
11	Profissional das ciências e intelectuais, em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	0,69	-25,9	0,0	0,0
12	Ocupações elementares da agropecuária	0,06	1,5	0,6	0,6
13	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios, no comércio e reparo de veículos	-0,06	-2,2	-1,0	0,3
14	Trabalhadores de apoio administrativo, em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	0,12	-3,0	-0,4	0,2
15	Ocupações elementares, no comércio e reparo de veículos	-0,05	-1,7	-0,6	0,1
	<b>Total ou média geral</b>	<b>0,2</b>	<b>0,0</b>	<b>-0,7</b>	<b>0,4</b>

Fontes: Pnad Contínua, com cálculos do autor.

ocorreram para profissionais qualificados em educação, saúde humana e serviços sociais, informação, comunicação, finanças, serviços modernos e alguns tradicionais, e da agropecuária. Os trabalhadores domésticos e os atuantes no setor de alojamento e alimentação, ou nos serviços pessoais e relacionados ao lazer, diminuíram sua participação no grupo de 15 principais ocupações. Alguns destes também se encontram entre os que possuem menor escolaridade, confirmando que o grau de qualificação das pessoas fez toda a diferença no momento de tentarem se manter em suas ocupações durante a pandemia (ou mesmo obter outras). Trabalhadores mais qualificados possuem melhores condições de prosseguir em suas atividades, mantendo distanciamento social, como todos sabemos.

Outro destaque da análise é o conjunto de ocupações/setores cujas remunerações relativas se elevaram – isso é, cujas remunerações se elevaram mais que as de outros grupos. São grupos relacionados a atividades menos complexas – trabalhadores nos serviços de alojamento e alimentação, operadores de máquinas e instalações na indústria e os envolvidos em atividades elementares na agricultura. O resultado pode surpreender a princípio, em função das características dos grupos e da redução de sua participação na composição das ocupações (ou irrisória elevação), indicando que não houve um crescimento significativo da demanda por esses trabalhadores. As explicações mais plausíveis para esse fato podem residir tanto no aumento do número de horas trabalhadas, para quem permaneceu ocupado (situação dos operadores na indústria e elementares na agricultura), ou no desliga-

A mudança estrutural e a consequente melhoria da qualidade das ocupações deve ser um dos principais objetivos da política econômica e das políticas públicas em geral

mento de trabalhadores com menores salários, menos essenciais às atividades desenvolvidas, o que eleva a média salarial, a qual é, logicamente, estimada com base na remuneração dos que permanecem ocupados.

Aliás, na maioria das ocupações/setores pesquisados, reduziu-se o número de horas trabalhadas, com raras exceções, e a média de anos de estudo entre os ocupados se elevou. Essa constatação reforça o argumento de que os mais qualificados foram melhor sucedidos na manutenção de suas ocupações (ou na busca de outras).

Resumindo, a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro foi importante para determinar, como era esperado, a distinção entre os efeitos da pandemia sobre seus diversos segmentos. Como nele predominam ocupações que demandam habilidades menos complexas e em setores de serviços que requerem contato direto, altamente afetados durante a pandemia, o impacto da pandemia foi mais agudo que se a estrutura ocupacional/setorial fosse mais complexa e inclu-

ísse empregos de melhor qualidade (em termos de complexidade de atividades, remuneração e condições de trabalho, entre outros). Como lição, reforça-se que a mudança estrutural e a consequente melhoria da qualidade das ocupações deve ser um dos principais objetivos da política econômica e das políticas públicas em geral.

Por fim, um ponto levantado no início do texto deve ser retomado, qual seja, a relação entre composição da produção, das ocupações, remunerações e escolaridade média. Um exercício simples, ainda que a amostra seja muito pequena e sujeita a grande variância, aponta que a correlação entre remuneração relativa e escolaridade média é elevada tanto quando observamos os dados referentes aos 12 grupos de setores como aos 11 agrupamentos de ocupações (um pouco maior no primeiro caso). É um indício de que tanto o tipo de atividade como de ocupação são relevantes para determinar o nível da remuneração média, por estarem associados a trabalhadores com qualificações distintas.

Buscando corroborar esse argumento, o gráfico a seguir traz a relação entre remuneração e anos de estudos médios para as 15 ocupações/setores selecionados para análise neste artigo (os números em cada ponto do gráfico correspondem aos dos grupos incluídos nas tabelas 1 e 2). Nota-se que a correlação é elevada e que os retornos sobre a educação (em termos de ganhos remuneratórios) parecem ser marginalmente decrescentes a partir de um certo nível de escolaridade. De toda forma, as remunerações relativas dos mais qualificados são consideravelmente superiores.

Para complementar a argumentação, voltemos à hipótese inicial, na

qual pressupus que o nível de escolaridade influi no salário médio recebido, mas que os setores (atividades) e ocupações requerem trabalhadores com níveis de escolaridade distintos; por consequência, aqueles que requerem habilidades mais complexas irão praticar melhores salários. Como já demonstrei a relação entre escolaridade e remuneração, agora buscarei evidenciar a relação entre composição setorial da produção (ou das atividades) e o tipo de ocupação ofertada pelos setores.

Quando consideramos a distribuição dos grupamentos ocupacionais em cada grupamento de setores (ver tabela 3), notamos que a composição

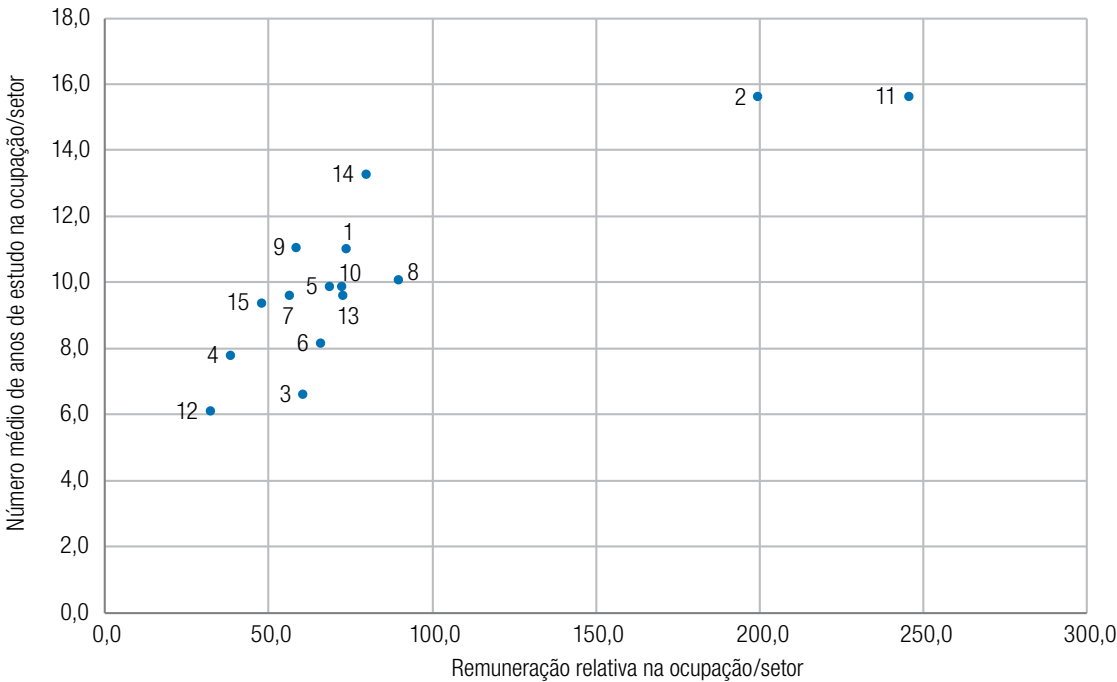
ocupacional é distinta em cada um deles (alguns têm, inclusive, uma distribuição mais heterogênea que outros, como pode ser observado pelo desvio padrão), e também podemos observar que alguns setores ofertam proporcionalmente mais ocupações que demandam maiores habilidades e, logo, trabalhadores com nível de escolaridade mais elevado.

Portanto, não basta a sociedade possuir maior nível de escolaridade e habilidades para promover o desenvolvimento econômico. Certamente esse é um aspecto crucial, pois incrementa a disponibilidade de pessoas mais qualificadas para o trabalho, mas o processo de mudança estrutu-

ral, na direção de setores mais complexos, também é fundamental para que haja demanda por pessoas que possuam maiores habilidades. Temos que investir muito em educação e no processo de mudança estrutural se quisermos gerar bons empregos, e até mesmo enfrentar pandemias futuras em condições melhores. 📌

<sup>1</sup>A rigor, essa estimativa da média de anos de estudo pode estar subestimada para as ocupações que contratam pessoas mais escolarizadas, pois as pessoas com 16 ou mais anos de estudo estão agrupadas na mesma opção de resposta no questionário da Pnad que traz essa informação. Consequentemente, são computadas como se possuísem 16 anos de anos de estudo no cálculo da escolaridade média.

Relação entre remuneração relativa e escolaridade média, por ocupação/setor



Fontes: Pnad Contínua IBGE, 4º trim 2019 (antes da pandemia), com cálculos do autor.

Tabela 3 Distribuição (%) das ocupações no âmbito de cada setor (atividade)

	Atividade/ocupação	Diretores e gerentes	Profissionais das ciências e intelectuais	Técnicos e profissionais de nível médio	Trabalhadores de apoio administrativo	Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios	Operadores de instalações e máquinas e montadores	Ocupações elementares	Membros das Forças Armadas, policiais e bombeiros militares	Ocupações maldefinidas	Total	Desvio padrão
1	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1,1	0,3	0,3	0,6	0,9	62,9	1,3	4,7	27,9	0,0	0,0	100,0	19,6
2	Indústria geral	5,6	5,0	8,2	7,3	4,1	0,1	36,4	20,8	12,6	0,0	0,0	100,0	10,9
3	Construção	1,9	2,4	3,8	2,1	0,9	0,0	63,2	3,5	22,2	0,0	0,0	100,0	19,0
4	Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	5,9	2,0	2,8	6,7	54,7	0,1	12,5	4,0	11,3	0,0	0,0	100,0	15,7
5	Transporte, armazenagem e correio	3,4	1,6	3,0	9,3	5,4	0,0	2,3	64,9	10,1	0,0	0,0	100,0	18,8
6	Alojamento e alimentação	6,7	0,5	1,1	3,5	62,6	0,1	8,6	2,3	14,5	0,0	0,0	100,0	18,3
7	Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	7,6	23,3	17,2	19,7	16,0	0,8	3,2	1,5	10,7	0,0	0,0	100,0	8,7
8	Administração pública, defesa e seguridade social	5,0	15,1	19,6	19,4	10,0	0,1	1,5	5,8	7,5	15,9	0,0	100,0	7,4
9	Educação, saúde humana e serviços sociais	3,3	49,7	16,3	11,2	11,4	0,1	0,4	0,8	6,4	0,3	0,0	100,0	14,6
10	Outros serviços	3,2	9,3	11,9	7,3	53,2	0,2	8,9	1,5	4,7	0,0	0,0	100,0	15,2
11	Serviços domésticos	0,0	0,0	0,0	0,0	22,7	1,9	0,0	0,5	75,0	0,0	0,0	100,0	22,9
12	Atividades mal definidas	3,0	8,4	4,5	7,6	11,2	4,3	2,0	2,1	49,7	0,0	7,3	100,0	13,9
	Soma	4,4	11,3	7,7	8,1	23,3	5,8	13,3	8,3	16,9	0,9	0,0	100,0	6,9

Fontes: Pnad Contínua IBGE, 4º trimestre de 2019 (antes da pandemia), com cálculos do autor.